

# Revista de Comunicação Científica: RCC



# ARTIGO

## CONTRIBUIÇÕES DE DANIEL MATENHO CABIXI E JOÃO ARREZOMÃE PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES HALITI PARESI: FORTALECENDO A AUTONOMIA DE UM POVO

*Contributions by Daniel Matenho Cabixi and João Arrezomãe to the continuing education of teachers Haliti Paresi: strengthening the autonomy of a people*

*Contribuciones de Daniel Matenho Cabixi y João Arrezomãe a la formación continua del profesorado Haliti Paresi: fortalecimiento de la autonomía de un pueblo*

Edicléia Paresi

Mestranda do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Ensino e Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT - Campus Barra do Bugres.

E-mail:

Maria Helena Rodrigues Paes

Professora Doutora do PPGE CII - Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Ensino e Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT - Campus Barra do Bugres.

E-mail: [ninhapaes@unemat.br](mailto:ninhapaes@unemat.br)

Como citar este artigo:

PARESI, Edicléia & PAES, Maria Helena Rodrigues. Contribuições de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe para a formação continuada de professores Haliti Paresi: fortalecendo a autonomia de um povo In **Revista de Comunicação Científica** – RCC, Jan./Maio, Vol. I, n. 7, pgs. 195-207, 2021. ISSN 2525-670X.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 7 (2021)

ISSN 2525-670X

## Contribuições de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe para a formação continuada de professores Haliti Paresi: fortalecendo a autonomia de um povo

### CONTRIBUIÇÕES DE DANIEL MATENHO CABIXI E JOÃO ARREZOMÃE PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES HALITI PARESI: FORTALECENDO A AUTONOMIA DE UM POVO

*Contributions by Daniel Matenho Cabixi and João Arrezomãe to the continuing education of teachers Haliti Paresi: strengthening the autonomy of a people*

*Contribuciones de Daniel Matenho Cabixi y João Arrezomãe a la formación continua del profesorado Haliti Paresi: fortalecimiento de la autonomía de un pueblo*

#### Resumo

Este artigo tem o objetivo de discutir a questão da Formação Continuada de Professores em contexto da educação escolar Haliti Paresi, tendo como pano de fundo os pensamentos e propostas para a educação escolar indígena de duas grandes lideranças Haliti Paresi: Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe. Trazemos breves informações caracterizando a etnia, bem como alguns apontamentos sobre a educação escolar em contexto das aldeias Paresi. Em especial, trazemos uma seção sobre Formação Continuada de Professores Indígenas, bem como a importância de focar o trabalho pedagógico nas práticas e tradições culturais, finalizando com uma proposta de construção de material específico para a formação de professores Haliti Paresi.

**Palavras chave:** Haliti Paresi, Formação Continuada, Liderança Indígena.

#### Abstract

This article aims to discuss the issue of Continuing Teacher Education in the context of Haliti Paresi school education, having as background the thoughts and proposals for indigenous school education of two great Haliti Paresi leaders: Daniel Matenho Cabixi and João Arrezomãe. We bring brief information characterizing ethnicity, as well as some notes on school education in the context of Paresi villages. In particular, we have a section on Continuing Education for Indigenous Teachers, as well as the importance of focusing pedagogical work on cultural practices and traditions, ending with a proposal to build specific material for the training of Haliti Paresi teachers.

**Keywords:** Haliti Paresi, Continuing Education, Indigenous Leadership.

#### Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir el tema de la formación continua del profesorado en el contexto de la educación escolar Haliti Paresi, teniendo como trasfondo los pensamientos y propuestas para la educación escolar indígena de dos grandes líderes haliti paresi: Daniel Matenho Cabixi y João Arrezomãe. Aportamos información breve que caracteriza la etnia, así como algunas notas sobre la educación escolar en el contexto de las aldeas paresi. En particular, contamos con un apartado de Formación Continuada para Docentes Indígenas, así como la importancia de enfocar el trabajo pedagógico en prácticas y tradiciones culturales, finalizando con una propuesta de construcción de material específico para la formación de docentes Haliti Paresi.

**Palabras clave:** Haliti Paresi, Educación continua, Liderazgo indígena.

## **Introdução**

Os Haliti Paresí são habitantes tradicionais da região noroeste do Estado de Mato Grosso, onde vivem desde bem antes dos não índios procurarem a região para instalar suas produções e, conseqüentemente, fundar suas cidades. É um Povo orgulhoso de ainda ser falante de sua língua tradicional, mesmo depois de muita opressão à época da colonização de Mato Grosso, quando foram impedidos de praticar sua cultura tradicional. A língua original do Povo Haliti Paresí é classificada como pertencente à família linguística Aruak, sendo que entre os subgrupos há variações nos modos de expressão. Internamente, os Haliti Paresí se subdividem em 05 subgrupos: *Kozarini* (o mais numeroso dos subgrupos), *Enomaniyerê*, *Warere*, *Waimare* e *Kaxiniti*. Atualmente são nove terras indígenas demarcadas que compõem o território Haliti Paresi: Terra Indígena Paresi, Terra Indígena Utariti, Terra Indígena Rio Formoso, Terra indígena Juininha, Terra Indígena Estivadinho e Terra Indígena Figueiras, as quais já estão legalmente demarcadas e homologadas. Há, ainda, as Terras Indígenas Uirapuru, Ponte Pedra e Estação Parecis que estão em processo de demarcação.

A população, em tempos atuais, estão distribuídas em 64 aldeias, as quais se encontram organizadas nas áreas já mencionadas. O território Haliti Paresí ocupa espaço geográfico que alcança vários municípios do Estado de Mato Grosso: Tangará da Serra, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Conquista do Oeste, Barra do Bugres, Campos de Júlio, Nova Lacerda, Diamantino e Nova Marilândia.

As aldeias se caracterizam por uma forma circular, assim, as *Hati* (casa tradicional) são construídas de modo que no centro fique um grande pátio para as práticas culturais, circulação e encontro das pessoas, práticas esportivas, etc. Os Haliti Paresi se constituem em Povo que gosta muito de festas e jogos. Além do jogo de futebol que desperta muita atenção de homens e mulheres, os Paresi têm entre suas práticas tradicionais o jogo de cabeça-bola. Este é um jogo realizado com uma bola feita a base da cola da Mangaba<sup>1</sup> e que duas equipes disputam a posse de bola usando somente a cabeça como ponto de toque na bola.

---

<sup>1</sup> Mangaba é uma fruta característica do cerrado da região, cujo fruto não maduro produz uma substância leitosa e colante, a qual, quando seca, se torna uma forma de borracha.

## Contribuições de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe para a formação continuada de professores Haliti Paresi: fortalecendo a autonomia de um povo

Embora a aproximação com a sociedade ocidental esteja cada vez mais estreitada, já que os meios de transporte e comunicação ficam mais fáceis e disponíveis com o passar do tempo, o Povo Haliti Paresí vem fortalecendo as práticas de sua tradição, mantendo as festas e rituais conforme faziam seus ancestrais. Nesse sentido, a Festa de Batizado, a Festa da Colheita e a Festa da menina-moça tem sido muito frequente nas diversas áreas Paresi. Em todas estas festas a figura do Pajé, o líder espiritual, é muito importante, como, por exemplo no batizado. É o líder espiritual que sonha (inspirado pelos deuses) e escolhe o nome para a criança, e nunca se repete o nome, que é inspirado em algum elemento da natureza.

O ritual do *Iyamaka* (flauta sagrada) é praticado somente pelos homens e as mulheres são impedidas de participar e olhar as práticas deles enquanto as realizam. Somente depois que os homens realizaram algumas danças e rezas é que as mulheres são autorizadas a participar de uma parte deste ritual. A *Iyamaka* é uma flauta sagrada que só os homens podem ver e tocar, pois ela é a materialização do Deus *Enoré*, Em cada aldeia existe uma pequena *Hati*, que é a *Iyamakahana*, chamada de “casinha da flauta”, local que somente homens podem ter acesso, pois é ali que fica guardada a *Iyamaka* quando ela visita a aldeia.

Com o processo colonizador do oeste brasileiro, a aproximação com a sociedade não indígena foi transformadora para o grupo Haliti Paresi, que, conhecidos como um povo dócil, logo foi se relacionando com os “brancos”<sup>2</sup> e adquirindo novos hábitos em sua rotina. Não demorou para aprenderem a língua portuguesa, transformar seus hábitos alimentares, bem como conhecerem diferentes religiões e, por conseguinte, conhecerem “a magia das letras”.

Foram tantas mudanças, a partir do contato com a sociedade ocidental, que muitos achavam que a escolarização transformaria os Haliti Paresi em “quase brancos”. A escola trazia o aprendizado da língua portuguesa e, com ela, acesso a muitas coisas que antes não tinham. Muitos temiam que os conhecimentos da escolarização formal fosse sobrepor os conhecimentos e valores da cultura tradicional Haliti Paresi. Muitos temiam que, ao acessar os conhecimentos e valores

---

<sup>2</sup> Tal expressão será usada no decorrer do texto indicando uso de um tempo passado; em tempos atuais caiu em desuso, sendo substituída pela expressão “não indígena” ou “não índio”.

## **Contribuições de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe para a formação continuada de professores Haliti Paresi: fortalecendo a autonomia de um povo**

ocidentais a partir da escola, os Haliti Paresi pudessem valorizar mais a cultura exterior do que a própria cultura tradicional. Duas pessoas, dois líderes, foram muito importantes para que a escolarização formal pudesse ser uma ferramenta de fortalecimento da cultura tradicional: João Arrezomae e Daniel Matenho Cabixi. Essas duas pessoas sempre lutaram para que a Escola, em aldeias Paresi, pudesse trabalhar para a valorização da cultura tradicional. Para os dois líderes em questão, a escolarização deve trabalhar para a construção da autonomia de um povo, jamais para a dependência.

Desta forma, este artigo traz alguns apontamentos acerca da importância e das contribuições da liderança de João Arrezomae e Daniel Matenho Cabixi para a Formação Continuada de Professores Haliti Paresi, de forma que as práticas da educação escolar formal possam funcionar como ferramentas de valorização e fortalecimento da Cultura Tradicional.

### **2 Educação Escolar em Terras Haliti Paresi**

Em se tratando da Educação Escolar entre o grupo Paresi, sua história vem sendo escrita desde o início do século XX, quando Marechal Cândido Rondon, com a implantação das Linhas telegráficas, aportou pelas terras Haliti Paresi, segundo informa Paes (2002). A autora também destaca a atuação de padres jesuítas, quando de sua passagem pelo Estado de Mato Grosso, tempos nos quais os indígenas não podiam praticar sua própria cultura e nem mesmo falar a própria língua materna. Os jesuítas, naquela época – início do século passado, obrigavam as crianças e adultos a ter o jeito de viver igual aos homens “brancos”, além de ter um forte trabalho no sentido de catequização. Foram os jesuítas que implantaram o Internato Utiariti<sup>3</sup>, instituição para a qual eram enviadas crianças indígenas, de diversas etnias, para serem “educadas” segundo os princípios ocidentais, ou seja, um processo de “civilização”, seguindo os ideais iluministas.

---

<sup>3</sup> Fazendo parte da Missão Anchieta, os padres jesuítas permaneceram em Missão, na região, entre os anos de 1930 a 1970. Utiariti é o nome da cachoeira perto da qual se ergueu, por volta de 1945, a instituição religiosa que recebeu o mesmo nome.

## **Contribuições de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe para a formação continuada de professores Haliti Paresi: fortalecendo a autonomia de um povo**

Outras missões religiosas, no decorrer da história, se encarregaram de “escolarizar” os indígenas com fins de catequização, buscando nos indígenas o abandono de suas crenças míticas tradicionais e voltando sua devoção à tudo ensinado pela Bíblia. Deste modo, a igreja católica e diferentes igrejas evangélicas adentraram as aldeias Haliti Paresi levando a ideia de um DEUS ÚNICO em detrimento da crença em *Enoré*.

Na década de 1980, a FUNAI – Fundação Nacional do Índio, assumiu a educação formal nas aldeias Paresi, também com foco na “ocidentalização” dos indígenas, sendo que professores não indígenas ministravam as aulas, com soberania da língua portuguesa e de saberes valorizados pela sociedade ocidental, como os únicos saberes e conhecimentos válidos e aceitos como verdadeiros. No final da mesma década, as Secretarias Municipais de Educação passaram a ser responsáveis pela oferta de escolarização em aldeias, sendo que ainda se mantinha os professores ocidentais em trabalho de sala de aula. Aos poucos, alguns indígenas passaram a ministrar aulas nas escolas da aldeia, mesmo que sem a formação e habilitação para o Magistério.

Com muita luta e reivindicação de Movimentos Indígenas espalhados pelo país, em especial oriundos da região dos Estado do Amazonas, Roraima e Acre, a Constituição Federal de 1988 estabelece Direitos Fundamentais aos povos indígenas, entre os quais, o direito a educação escolar específica e diferenciada (posteriormente aparado na LDB/96), o que resultou em propostas e ações de escolarização fundamentadas na valorização da língua materna e de práticas da cultura tradicional. Importante reforçar o que o documento RCNEI (Referencial Curricular Nacional para Educação Indígena) lembra sobre a contribuição da Carta Magna de 1988 no reconhecimento e valorização de povos indígenas que, de um modo ou de outro, reflete e impacta nesta questão da escolarização de princípios específicos e diferenciados:

A Constituição Federal, além de perceber o índio como pessoa, com os direitos e deveres de qualquer outro cidadão brasileiro, percebe-o como membro de uma comunidade e de um grupo, isto é, como membro de uma coletividade que é titular de direitos coletivos e especiais. (RCNEI, 2005, 31)

## **Contribuições de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe para a formação continuada de professores Haliti Paresi: fortalecendo a autonomia de um povo**

Embora algum tempo já decorrido da aprovação da Constituição Federal mencionada acima, só na metade da década de 1990 que a educação formal passou a ter uma ênfase na própria cultura Haliti Paresi, quando, em 1995, foi implantado o PROJETO TUCUM – Programa de Formação para o Magistério para Professores Indígenas<sup>4</sup>, o qual finalizou no ano de 2000 formando 17 professores Haliti, dos cerca de 200 professores indígenas formados pelo projeto. O referido Projeto tinha como princípio básico de formação a educação escolar indígena específica e diferenciada, ou seja, um trabalho escolar com vistas a valorizar a língua materna e todos os valores e saberes da cultura tradicional, sem perder de vistas os saberes privilegiados da sociedade ocidental, entretanto, tais saberes não assumiram a posição de maior privilégio em sala de aula.

Seguindo uma formação específica e diferenciada, a UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, pelo Campus de Barra do Bugres, no ano de 2001, passou a oferecer o curso de Licenciaturas Intercultural específicas para indígenas, no qual 12 professores Haliti Paresi cursaram a Graduação e, posteriormente, fizeram o curso de Especialização na mesma instituição. A UNEMAT continua ofertando o curso de Licenciatura Intercultural Indígena e, atualmente, também oferta o curso de Pedagogia Intercultural e os Haliti Paresi continuam a cursar estas graduações. Atualmente, a instituição também oferta curso de Pós-Graduação, em nível de Mestrado<sup>5</sup>, específico para indígenas, no qual, três professores Haliti-Paresi estão em curso.

Vale destacar que este processo histórico de transformação de princípios na formação de professores indígenas, voltado para a valorização da própria cultura, teve participação fundamental de João Arrezomae e Daniel Matenho Cabixi. Tais lideranças sempre participavam das reuniões em instâncias públicas manifestando seu desejo e importância de que a escola não pudesse ter um papel de transformar os indígenas em “brancos”, um papel assimilacionista, mas que a escola pudesse ter um trabalho diferenciado produzindo ações a favor da valorização da Cultura Haliti Paresi. João Arrezomae e Daniel Cabixi defendiam a ideia de que a escola pudesse

<sup>4</sup> Detalhamento e análise do PROJETO TUCUM pode ser encontrado em BARROS, EDIR PINA DE, disponível em <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto38/FO-CX38-2373-97>.

<sup>5</sup> Trata-se do Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, ofertado pela UNEMAT, Campus de Barra do Bugres-MT.

## **Contribuições de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe para a formação continuada de professores Haliti Paresi: fortalecendo a autonomia de um povo**

ser um instrumento de fortalecimento da cultura e da construção de autonomia dos indígenas. Assim, sempre estiveram presentes e participando nos cursos de formação de professores, falando da importância do papel dos professores para o fortalecimento e empoderamento indígena frente ao avanço das práticas ocidentais na rotina Haliti Paresi.

A formação inicial nos projetos específicos para os professores indígenas Haliti tem um papel fundamental para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos Paresi, porque são os professores da própria comunidade que conhecem a realidade e a especificidade do seu povo. No entanto, os projetos de formação inicial específicos para professores indígenas não atendem à demanda das escolas indígenas da comunidade Haliti Paresi e com isso, muitos professores que tem o ensino médio completo estão se graduando nas faculdades privadas, fazendo sua graduação a distância. Deste modo, nem todos os professores que estão em atuação nas escolas da aldeia têm a oportunidade de ter uma formação com objetivo de valorização da própria cultura.

Consideramos que a formação continuada específica e diferenciada pode orientar e fortalecer os professores indígenas nas discussões sobre os conhecimentos tradicionais, saberes indígenas, para que os projetos próprios da educação escolar indígena estejam interligados com os conhecimentos do Povo Haliti Paresi. Assim, acredita-se que um projeto bem estruturado nos princípios da tradição cultural venha a fortalecer entre os Haliti Paresí uma reflexão ‘própria’ sobre a prática docente, sobre as políticas educacionais e sobre os processos de ensino e aprendizagem. A proposta é que a inspiração venha a partir da história de vida e luta de seus maiores líderes – Seu João Garimpeiro e Seu Daniel Cabixi.

### **3 A liderança de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe**

Conhecido como “João Garimpeiro”, João Arrezomãe teve sua história marcada pelo trabalho braçal e mal remunerado entre os “brancos” e seu apelido se deve ao fato de ter trabalhado em garimpos fora de terras indígenas. Quando voltou para a aldeia Paresi, “Seu João” passou a dialogar com os parentes sobre a

Edicléia Paresi, Maria Helena Rodrigues Paes

202

## **Contribuições de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe para a formação continuada de professores Haliti Paresi: fortalecendo a autonomia de um povo**

importância da defesa de seus direitos: direito à terra e direito da prática de sua cultura tradicional. Foi um incansável defensor da Escola formal como um espaço de trabalho e fortalecimento da cultura. Para ele, a escola não podia servir para transformar índios em cidadãos “civilizados”, mas, ao contrário, a escola na aldeia devia trabalhar para fortalecer a cultura tradicional, sem perder de vistas a necessidade de instrumentos para dialogar e negociar com a sociedade ocidental. João Arrezomãe, sempre que podia participava dos cursos de formação de professores e sempre fez questão de proferir suas crenças na valorização da cultura e insistir para que a escola trabalhasse a língua materna e as práticas tradicionais. O grande cacique faleceu no mês de julho do ano de 2018, mas suas palavras e pensamentos ecoam ainda muito forte entre os Paresi, principalmente seus pensamentos sobre a educação escolar indígena.

Daniel Matenho Cabixi é uma liderança de forte impacto entre os Haliti Paresi. Também teve sua história marcada, sofridamente, nas relações com a sociedade ocidental. Ainda criança, foi enviado para o INTERNATO UTIARITI, um espaço de confinamento para indígenas, criado e mantido por padres jesuítas, onde os trabalhos forçados judiavam das crianças, que eram proibidas de falar sua língua e ter qualquer manifestação da sua cultura tradicional. Sempre defendeu a ideia de que o Brasil é formado por uma infinidade de povos, de culturas e língua diferentes, as quais deveriam ser consideradas e valorizadas pelas autoridades brasileiras. Foi um grande defensor para se criar políticas públicas de valorização da tradição cultural indígena, em especial, valorizando a educação formal nas aldeias como forma de fortalecimento das culturas tradicionais. Autodidata, escreveu vários artigos, proferiu muitas palestras e conferências, sempre falando da importância da Educação Escolar entre indígenas como forma de resistência e luta pelos direitos dos povos tradicionais. Defendia uma Educação Diferenciada e de qualidade. Daniel faleceu no mês de novembro do ano de 2017, entretanto, seu pensamento ainda é vivo e muito forte entre os Haliti Paresi.

#### **4 Formação continuada para professores indígenas**

A formação continuada dos professores indígenas é uma demanda importante e aparece nos principais documentos sobre a educação escolar indígena no Brasil. A formação continuada nas escolas Paresí é feita pelas SEMEC – Secretarias Municipais de Educação (cada município tem sua equipe e Programa de trabalho) e pelo órgão estadual chamado CEFAPRO – Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso. Importante frisar que as atividades de Formação Continuada são empreendidas e executadas também por vários professores indígenas já habilitados e/ou graduados, ou seja, atualmente são ‘protagonistas junto com os órgãos oficiais.

Na questão de formação de professores, os Referenciais Curriculares para a Formação de Professores Indígenas lançados pelo MEC (RCNEI/2002), inovaram quanto às diretrizes de formação profissional, pois estabeleceram competências e habilidades das quais o educador indígena necessita para sua formação, atendendo às novas concepções sobre a Diversidade. Estes referenciais apresentam importantes subsídios para que os sistemas de ensino desenvolvam programas de formação inicial e continuada de professores indígenas em concordância e respeitando as culturas específicas. O referencial é uma diretriz para a formação de professores indígenas no magistério, agregando diferentes experiências de formação para subsidiar a implementação dos cursos de formação de professores indígenas, assim como o gerenciamento dessa formação. As leis garantem a construção de uma escola diferenciadas de qualidade, bilíngue e intercultural, que respeite os povos indígenas, e que valorize suas práticas culturais dando acesso a conhecimentos de outros grupos sociais.

Acerca disso Garpioni (2001, p. 43) sinaliza que, em se tratando de planos governamentais,

(...) ainda são tímidas as iniciativas que garantem uma escola de qualidade que atenda aos interesses e aos direitos dos povos indígenas em sua especificidade diante dos não índios em sua diversidade interna (linguista cultural e histórica).

## **Contribuições de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe para a formação continuada de professores Haliti Paresi: fortalecendo a autonomia de um povo**

A luta dos povos indígenas é por uma escola diferenciadas que valorize sua cultura e que tenham professores capacitados para a transmissão de conhecimentos. Daniel Cabixi, muito adiantado em seu tempo, também pensou em termos de contribuir para que os não indígenas compreendessem a realidade dos povos indígenas. Entre tantos ensinamentos que nos deixou, dizia acerca da sociedade ocidental: “Tenho vontade de fazê-los compreender meu mundo, assim como cheguei a compreender o mundo deles” (CABIXI, 2000, p. 120). Ele pensava em uma relação de diálogo e respeito, que também é o desejo dos Haliti Paresi: “Um diálogo em que não haja apenas uma só verdade, uma só voz e uma só forma de ser, que anule o outro, —Mas a cegueira etnocêntrica não permite esse diálogo franco e sincero (idem). (CABIXI, 2000, p. 120).

Com força em suas palavras, João Arrezomãe não cansava de repetir uma de suas importantes falas: "A terra é meu coração, a água é meu sangue e o ar é meu espírito". Repetia tal frase em todos os encontros e conversas, em especial, aos professores, pois a escola não deveria esquecer as raízes tradicionais dos alunos que estavam em sala de aula e precisavam valorizar mais a cultura tradicional do que a cultura do “homem branco”.

A importância destas duas lideranças se assenta no ideal de construção de autonomia do povo. Neste aspecto, é importante tomar o entendimento de autonomia e sua relação com o conceito e exercício de liberdade, inspirando-se em Castoriadis (2000:131) quando afirma que autonomia é “*ação de uma liberdade sobre outra liberdade*”. Dizendo de outro modo, entendemos que as ideias de João Arrezomãe e Daniel Matenho Cabixi estavam fincadas na percepção de que o povo só se fortalece quando tem liberdade de escolha nas decisões que competem a ele mesmo. Assim, a luta destas lideranças tinha a visão da importância dos professores como líderes que pudesse, através de seu trabalho, promover a liberdade do povo e não sua dependência em relação à sociedade ocidental.

Nesse sentido, acreditamos na grande possibilidade de que as contribuições do pensamento de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe possam funcionar como apoio, inspiração e instrumento pedagógico na formação dos professores que atuam nas aldeias Haliti Paresi, mas não só ali, inclusive podem ser inspiração para professores não indígenas.

## **5 Uma problemática atual**

Formar e qualificar professores para atuar em aldeias indígenas com foco na valorização da cultura não é novidade, mas, se configura em temáticas que em dias atuais é de extrema importância. Não devemos esquecer que a tecnologia ocidental tem adentrado a rotina das aldeias e “tomado” certo espaço e tempo de crianças e adultos.

A discussão que estamos propondo, e iniciando neste espaço textual, tem relação com as demandas formativas dos professores Haliti Paresi que podem ser agrupados a partir de distintos desafios. Como os da conectividade de uma geração que interage com as novas tecnologias da informação, com as necessidades de aprendizagem dos estudantes, os quais precisam lidar com o *bullying* (em geral por sujeitos da cultura ocidental), com os desafios da relação com a sociedade envolvente, com novos elementos da diversidade cultural no interior das aldeias e com as múltiplas questões da educação escolar indígena que envolvem as condições para a melhoria da aprendizagem e outros temas como o da evasão escolar.

Os professores indígenas Haliti Paresi sabem que estão em um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade docente, ou seja, que deve estar em constante aprendizagem ao longo de toda a sua vida profissional. Sabe-se que os professores indígenas enfrentam muitos desafios além dos que se depara com os de dentro de sala de aula, pois ainda precisam enfrentar um conjunto muito grande de atribuições além da prática docente. Em especial, na escola, precisam trabalhar de acordo com os antigos, com o pensamento tradicional de seu povo e por isso, para que a formação continuada atinja seu objetivo precisa ser significativa para o professor e para o aluno, ou seja, a vivência Haliti Paresi faz a diferença. Sabe, o professor, que sua responsabilidade no fortalecimento da cultura tradicional é muito grande, então, os processos de Formação Continuada se fazem diferenciais para que o trabalho de escolarização cumpra seu papel como ferramenta de valorização da cultura.

## **Contribuições de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomãe para a formação continuada de professores Haliti Paresi: fortalecendo a autonomia de um povo**

### **Considerações finais**

Acreditamos que, mais força que os ensinamentos contidos em livros didáticos oficiais, o material produzido a partir da vida e trajetória destas duas grandes lideranças, Daniel Cabixi e João Arrezomãe, darão força aos professores Haliti Paresi para empreenderem uma prática pedagógica que venha a enriquecer a rotina escolar dos alunos. Assim será possível a valorização da tradição cultural Haliti Paresi de forma que estes construam e fortaleçam sua AUTONOMIA, sua liberdade de escolha diante de tantos desafios diários na relação que se estabelece entre elementos da cultura tradicional e elementos da sociedade ocidental. Deste modo, faz-se importante a composição de um material específico para trabalhar a formação continuada de professores inspirado nas propostas e pensamentos destas grandes figuras da história dos Haliti Paresi.

### **Referências**

BRASIL. **Referenciais Curriculares Nacionais para professores Indígenas**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 2002.

CABIXI, Daniel M. Sou índio. In: MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira**. São Paulo: Angra, 2000.

CASTORIADIS, Cornelius. *A autonomia em política – o indivíduo privatizado*. S. Paulo: **Revista Margem** nº 7, agosto de 1998

GRUPIONI, Luíz Donisete Benzi (org.) **As leis e a educação escolar indígena: Programa Parâmetro em ação de educação e da Educação Escolar Indígena**. Brasília: Ministério da educação Secretaria de Educação Fundamental 2001.

PAES, Maria Helena Rodrigues. **NA FRONTEIRA**. Os atuais dilemas da escola indígena em aldeias Paresi de Tangará da Serra-MT, num olhar dos Estudos Culturais. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, UFRGS, 2002.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Urucum Jenipapo e Giz**. A educação escolar indígena em debate. Cuiabá: 1997

Recebido: 20/09/2021

Aprovado: 30/11/2021

Publicado: 30/01/2021